

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 127

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 6600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 6650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 12250 réis. (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Carlos II convocou as camaras para Oxford e tendo corrido o boato de que o seu fim era atrahir alli os deputados para os mandar assassinar pelos papistas e soldados da guarda, milhares de burguezes acompanharam, armados, os seus deputados a Oxford, com largas fitas nos chapéus onde se lia:—*Abaixo o despotismo! Abaixo o papismo!*

E n'este estado de espirito, diziamos nós aqui ao terminar o ultimo dos artigos publicados sobre a questão clerical—se vai representar o ultimo acto do drama, que não levou um rei novamente ao cadafalso mas que o levou á deposição e ao exilio, dando o triumpho definitivo ao espirito liberal da grande nação ingleza.

As camaras reuniam-se em Oxford por terem sido dissolvidas depois de terem imposto a Carlos II o celebre bill *Habeas Corpus*, que era a terceira lei fundamental da Inglaterra.

O rei abriu a sessão renovando a declaração da sua fidelidade á religião e á constituição do Estado. Recapitulou o que tinha feito nos ultimos tres annos para satisfazer aquelles que pareciam duvidar das suas intenções. Tomou o universo inteiro por testemunha de que não tinha desprezado meio algum de manter a segurança publica, e a convocação tão prompta d'aquelle parlamento era, dizia elle, uma nova prova do cuidado que punha em cumprir as suas obrigações.

Contra o seu costume, falou em tom severo e firme. Os deputados viram n'esse tom uma ameaça e pediram que fosse julgado Fitz-Harris, um pamphletario assoldado pela corte. A maioria da camara dos lords oppoz-se. D'aqui resultou uma agitação enorme e novamente se ouviram as incitações á guerra civil com que tinha sido dissolvido o ultimo parlamento.

O rei achou que o melhor era dissolver novamente a camara dos communs e sabir de Oxford quanto antes. Assim o fez e sahiu precipitadamente. Atraz d'elle seguiram os pares, os deputados, a multidão que tinha acompanhado estes de varios pontos do paiz e a revolta, por aquelle momento, evitou-se.

Chegado a Londres, Carlos II dirigiu um manifesto á nação. Ao mesmo tempo, aproveitando-se da falta de disciplina e de tacto do partido revolucionario, tentou anniquila-lo, corrompendo uns e perseguindo outros. Alguma coisa conseguiu. Um marceneiro chamado Colledge, chefe popular dos mais activos, um dos que comandavam os bandos populares que acompanharam os deputados até Oxford e aquelle que n'esta cidade aconselhou com maior enthusiasmo os meios extremos, foi preso, sob a accusação de conspirar contra o rei, e submettido a julgamento. O jury de Londres absolveu-o. Mas a corte, furiosa com esta absolvição, chicanou, dizendo que tendo sido Oxford o logar da conspiração, era em Oxford que Colledge devia ser

Julgado. A chicana venceu. Colledge foi novamente julgado, e o jury de Oxford condemnou-o á morte.

Continuava o carrasco em exercicio. A liberdade ingleza custou milhares de vidas.

Colledge, como a quasi unanimidade dos liberaes inglezes, dos partidarios da emancipação politica e religiosa, morreu com grande coragem.

Atrás de Colledge foi processado Shaftesbury, outro chefe liberal. Mas o jury de Londres absolveu-o tambem. Então a corte, que para este não ponde arranjar chicana, visto ter sido em Londres que elle praticara os factos de que o accusavam, reconheceu que não podia fazer nada enquanto não annullasse as disposições liberaes do tribunal londrino. E cessou as perseguições n'aquelle instante, esperando melhor oportunidade.

O duque de York, irmão do rei e herdeiro do throno, papista e absolutista ferrenho, como tivemos occasião de ver nos artigos anteriores, fôra nomeado governador da Escoccia, em substituição do duque de Monmouth, filho bastardo de Carlos II. Tendo-se revoltado alguns presbyterianos escoccezes, o duque de York deu provas da maior crueldade fazendo morrer no meio de atrozes torturas todos os prisioneiros. Impassivelmente assistiu em pessoa á tortura e á morte dos infelizes.

Que bandido!

Mas o coração negro e o caracter despotico d'este salteador precisam de ser bem accentuados, para os leitores perceberem o final da grande lucta, que se deu precisamente com esse duque de York, quando já rei de Inglaterra como successor de seu irmão.

Estava o bandido entregue ás torturas dos infelizes presbyterianos, quando teve noticia de seu irmão ter dissolvido de novo o parlamento, esse parlamento de Oxford a que nos referimos. Exultou. Apoderou-se d'elle uma alegria extrema. Dirigiu ao rei as mais calorosas felicitações, commendando-lhe que desconfiasse de todos que lhe aconselhassem a reunião d'um novo parlamento na Inglaterra e pedindo-lhe auctorisação para reunir elle um na Escoccia. Elle saberia, acrescentava, manejar habilmente a assembleia escocceza e destruir com ella tudo o que tinham feito as camaras facciosas da Inglaterra.

Carlos II approvou a idéa e o duque convocou o parlamento escocce, decidido a comparecer no seio d'elle como commissario de seu irmão. O parlamento da Escoccia não era composto de duas camaras, como o da Inglaterra, mas d'uma só, na qual os bispos tomavam assento com os lords e com os deputados da burguezia. Era um parlamento que desconhecia o perigoso tumulto das discussões geraes. As questões eram discutidas n'uma commissão chamada dos lords dos artigos e composta de oito lords ecclesiasticos, oito civis e oito deputados da burguezia. O resto da assembleia limitava-se a approvar ou a regeitar as decisões tomadas n'essa commissão.

O duque tinha a certeza de

fazer o que quizesse dos laes lords dos artigos. Só dois lhe mettiam medo: o duque de Hamilton e o conde de Argyll, este ultimo filho do que morrera no cadafalso logo depois da restauração; ambos elles protestantes, de alta influencia na Escoccia e riquissimos. Mas desde logo resolveram supprimi-los de prompto.

Os dois, que o conheciam, preveniram-se e transigiram com elle quanto puderam. Mas quando o duque de York quiz que o parlamento escocce votasse, para todos os cidadãos da Escoccia, o dever de jurarem, quando pretendessem exercer qualquer função religiosa ou politica, que não tomariam parte, de futuro, em nenhuma resistencia, de qualquer natureza que fosse, que defenderiam todas as prerogativas da coroa, que não tomariam parte, sem permissão do rei, em nenhuma deliberação sobre negocios ecclesiasticos e civis, emfim, que nunca haviam de aspirar a nenhuma reforma na igreja ou no estado, a mais descarada tyrannia que o bandido podia impôr, o conde d'Argyll, não se podendo mais conter, replicou, indignado: *Não voto.*

Não obstante, o bill foi approved e todos os membros do parlamento foram desde logo obrigados a prestar o despotico juramento. O conde d'Argyll, quando lhe chegou a sua vez, exclamou: «Reservo-me o direito, que tem todo o cidadão, de propor as reformas que eu julgar uteis á igreja ou ao estado.» Intimaram-no a fazer essa declaração por escripto. Fê-la sem trepidar, o que lhe valou ser preso desde logo, julgado e condemnado á morte.

Mas na propria noite em que se armava o cadafalso, conseguiu sua filha fazê-lo evadir da prisão, sendo a sua cabeça posta a preço em todo o reino unido e a sua fortuna confiscada.

Apezar d'este exemplo terrivel, mais de oitenta ministros evangelicos se recusaram, só na cidade de Edimburgo, a prestar o juramento, sendo, em consequencia, expulsos das suas parochias.

Entrementes, foi chamado a Londres, para fazer parte, a instancia suas, do conselho privado do rei, o duque de York. O navio que o conduziu despedaçou-se, em Yarmouth, n'um rochedo. Deitou-se ao mar uma chalupa, que podia receber e salvar pelo menos metade dos 125 homens da tripulação. O bandido foi o primeiro a saltar para a chalupa e chamou apenas, para o acompanharem, os padres jesuitas que levava consigo para toda a parte, os seus cães e o coronel Churchill, seu agente secreto junto de Luiz XIV. E afastou-se com a chalupa, deixando morrer a bordo do navio, que se afundou d'ahi a instantes, todos os desgraçados que lá estavam.

Tal era o miseravel que se veio a sentar no throno de Inglaterra, onde o iremos encontrar em breve.

Concorreu-se, ha dias em Lisboa, com a sr.ª D. Maria da Natividade Costa Ferreira, o nosso bom amigo sr. João Ferreira, acreditado negociante d'aquella praça.

Aos noivos desejamos um futuro cheio de prosperidades.

AOS SALTEADORES DA MINHA TERRA

No mesmo papel onde tenho sido louvado, elogiado, incensado por mais do que uma vez, sou agora apedrejado por um garoto.

Isto não define o garoto, que está definido por si proprio. Define o papel. E, definindo o papel, define os seus redactores. E, definindo os seus redactores, define os francaceos. E, definindo os francaceos, define o sr. Jayme de Magalhães Lima, que eu, até aqui, julguei erradamente um homem de bem.

Portanto, não é com um garoto que eu tenho a tratar. Um garoto pôde me merecer dois pontapés. Nunca me mereceu uma resposta. E com um bando, em geral, e com o chefe d'esse bando, em particular.

E não se diga que violento a logica, ou que forço a hypothese. Em 1 de dezembro, dizia a *Vitalidade*:

«Por indicação de pessoa muito auctorizada, e que em vez de aconselhar podia mandar, d'ora avante mais nos firmamos no proposito, de ha tempos deliberado, de não alimentar polemicas sobre cousas da localidade.»

Seguiremos o nosso caminho, avante, sem nos determos um instante, sequer, a olhar para o lado.»

Isto sahiu em normando, sob o titulo *A nossa conducta*, logo a seguir ao artigo de fundo.

Era solemne e cathegorico. A *Vitalidade* tinha uma palavra de ordem. Obedecia a um plano. Assentava n'uma norma de processos. Acatava um chefe. Quem?

Quem era a pessoa MUITO AUCTORISADA que aconselhava, PODENDO MANDAR?

Era o sr. Jayme de Magalhães Lima.

Eis, pois, o responsavel.

E este responsavel fez isto: mandou-nos provocar, deixou que nos provocassem, na melhor hypothese, elle, que aconselhava os redactores do seu papel a que não alimentassem polemicas com outros, a que seguissem avante, sem olharem um instante, sequer, para o lado.

Mandou-nos provocar, ou deixou-nos provocar duas vezes, uma por intermedio do pateta da cavallaria, outra por intermedio do imbecil de Verdemilho. Com a circumstancia aggravante da primeira provocação ser feita dois dias depois de nós termos tratado aqui, urbana e cavalheirosamente, o redactor principal do seu orgão, e a segunda quando o regimento de cavallaria já estava em Almeida e o de infantaria em Aveiro, por conseguinte extemporanea, sem conveniencia politi-

ca de momento, sem oportunidade, propositada, acintosa, de intenção reservada e má fé.

E, feita a provocação, deixou, elle, que PODE MANDAR, que um garoto viesse, não discutir, não atirar-me pedradas simplesmente, mas dirigir-me insinuações infamantes.

Pois, sr. Jayme, errou mais uma vez. Mas o caso, agora, é serio!

Errou. Nós conhecemos todas as manhas, todas as patifarias dos politicos d'este paiz. Difficilmente somos já embarrilado por ellas.

Este caso de v. ex.ª aconselhar os da *Vitalidade* a não alimentarem polemicas sobre cousas da localidade, ao mesmo tempo que os farçantes se desembestavam contra nós, lembra o outro caso de v. ex.ª recommendar, nas reuniões do theatro, toda a moderação contra os seus adversarios n'uma campanha eleitoral, precisamente quando os seus partidarios praticavam as maiores tropelias, violencias e infamias na cidade.

Rapozices, cagadices, que só embaçam os tolos, afinal.

Quem é o Accacio Rosa? E' um homem que se chama Accacio Rosa. Basta!

O *Povo de Aveiro* chamoulhe, pittorescamente, o *Cabecinha*. Mas não é preciso. Accacio Rosa é mais do que sufficiente. Não é o Accacio immortalizado na nossa litteratura. Esse era um Accacio de salão. Este é um Accacio d'estrebaria. O outro tinha ares de conselheiro. Este nem chega a ter geitos de cavallariço. Aquelle era bacoco. Este é idiota e aspirante a pulha. Nem alcança a cotação de tratante. Nem attinge as honras de canalha. Tem o grande ideal de quasi todos os homens do meu tempo: ser litterato e ser canalha; mas, infelizmente para elle, não passa d'um reles litteratiço e d'um pifio canalhita.

Que veio elle fazer? Que recado lhe déram os francaceos?

Que discutisse commigo? Que supprisse a falta do Reles de Meirelles?

Que dissésse tolices bombasticas, ao menos?

Não. Não disetiui coisa nenhuma. Para isso não tem homem. Não arrumou tolíce bombastica, não fez phrase, nem estylo. Também não há homem para isso na sociedade. Nem era isso que se queria. Nem era isso que se pretendia. O que se queria era mais simples, mais facil, mais accomodaticio e de mais effeito. Um Accacio Rosa, um *Cabecinha*, um imbecil, um asno, que ninguém conhecia, mas que fazia rir pelo proprio nome, que fazia rir e que matava, porque um contendor, deante de mim,

chamado Accacio Rosa, era o preciso para me aniquilar deante d'alguma gente intelligente que, por esse paiz fóra, me conhece, esse borbobotas pretenso a dirigir-me tólices, eu a dirigir-lhe injurias, eu conhecido, elle desconhecido, os que me conhecem pasmado da minha degradação ou insanía, e o sr. Jayme a saborear as suas artes de rapoza ou de cagado, e o *marchal de Liliput* a esfregar as mãos, e o *Mijareta* a cerrar o olho de alegria e a carranca do proprio *Carranca* a illuminar-se-lhe e a alegrar-se-lhe n'um deleite de vingança.

Era bem imaginado, não ha duvida. Mas chorem todos mais essa illusão perdida. Porque quem se senta deante de mim, quem vae responder pelo *Cabecinha*, que é irresponsavel, e precisamente o *marchal de Liliput*, é precisamente o *Mijareta*, é precisamente, acima de todos, o sr. Jayme de Magalhães Lima, aquelle que *podendo mandar na Vitudade*, aquelle cuja vontade, em *polemicas locais*, foi acatada pelo papel mencionado, deixou que um garoto me viesse provocar para me apedrejar depois, para me dirigir insinuações infamantes, sobretudo, que é a unica coisa grave da contenda.

Só duas coisas, daquellas que o sr. Jayme de Magalhães Lima me mandou dizer por um garoto, atraz do qual se refugiou, eu quero levantar com energia.

Uma diz respeito ao meu *desmedido orgullo*.

Tem razão. O meu orgullo é desmedido. Não é bem o meu orgullo. É o meu desprezo. O meu desprezo offensivo, systematicamente offensivo, que perdôa tanto menos, quanto mais sinto, ao pé de mim, ignobeis os homens que eu conheço.

Conheci-os pedindo-me, supplicando-me, na accepção rigorosa do termo, que salvasse um chefe politico da terra, prestando-me á comedia ridicula de um supposto duello mallogrado. Cedi ás suas supplicas. E, no dia immediato, os mesmos que empregavam todos os esforços para obter a minha annuencia á comedia indecorosa, denunciaram-me ao governo como *perigoso ás instituições e á ordem publica em Aveiro*.

Conheci-os, procurando, em grupo de tres, um homem para lhe pedir a responsabilidade de um artigo publicado n'um jornal, e atacando, e ferindo em grupo, pelas costas, não o proprio responsavel, que não encontraram tão depressa como queriam, mas um irmão d'elle, que todo o mundo sabia não ser o auctor do escripto publicado. E o *marchal de Liliput*, que era *republicano*, não foi cumprimentar a victima da covardissima aggressão, mas os *nobres e heroicos* aggressores, os descendentes de Fuas Roupinho e do Lidador. E lá foi o *Mijareta*, embora de eu aberto e calcinhas, n'esse tempo. E lá foi o sr. Jayme de Magalhães Lima, chefe de *Liliputs* e *Mijaretas*. E quando um juiz, que não era de Aveiro, um juiz que presenciou da sua janella a scena indecorosa, e por isso mandou promover contra os valentes, castigou com quinze dias de cadeia os descendentes do Lidador e de Fuas Roupinho, lá foi toda a cidade, em romaria, e toda a cidade, que

hoje dobra as costellas no chicote do Pinto, se juntou em improprios e injurias contra um dos nomes mais honestos, mais respeitadissimos, n'esse tempo ainda os havia, dos pouquissimos venerados na magistratura portugueza.

Eram os mesmos que mandavam, mais tarde, a turba-multa correr sobre um homem inoffensivo e desarmado para o obrigarem a dar vivas ao sr. Jayme de Magalhães Lima, espreitando a *camara do commercio* a fachanha, rindo-se d'ella, applaudindo a, dando-lhe palmas, das trazeiras da capella de S. João.

Pullhas! Ignobeis! Desmedidos na baixeza, na degradação, na biltreria e, por isso mesmo, desmedido eu no meu orgullo, no meu orgullo desprezivo, no santo orgullo da minha superioridade moral, eu, que nunca feri ninguem pelas costas, que nunca ataquei outros acompanhado, que nunca dei o meu applauso a crimes e infamias.

Conheci-os, n'outra occasião, respondendo a duas testemunhas que lhe enviei—essas e outras me deram o valor legitimo dos *lances de honra* em Portugal—que das injurias publicadas no seu jornal só se assumia a responsabilidade perante os tribunales. Conheci-os dizendo o meu, n'outra altura, em documento publico, que não era permitido á minha dignidade—*outro lance de honra!*—bater-me em duello com certo individuo, que, por isso mesmo, esbofetei, vindo os dois, os taes do *documento publico* a ser *respeitosos e deferentes*, mais tarde, com o proprio que depiraram e vexaram.

Conheci-os fazendo causa commum com o Cunha e Costa, com o Fontes, com verdadeiras figuras de galé, depois de me terem denunciado á justiça ou de terem preparado os elementos da denuncia.

Não ha duvida. Deante de taes biltres, eu sou, na verdade, desmedidamente orgulhoso, desmedidamente altivo da minha honestidade, como elles são desmedidamente baixos e rasteiros.

Eu sou desmedidamente orgulhoso por todos os motivos. N'um paiz de egoistas e malandros, tenho passado a minha vida a pugnar pelos progressos e civilização d'este povo miseravel, a estudar e a trabalhar n'esse sentido, sem descanso, a defender a verdade e a justiça, sem desanimos, a combater os bandoleiros de todos os grupos, de todos os partidos, de todas as categorias e de todas as gerarchias. Nunca transigi n'esse ponto e não conheço outro em Portugal que não tenha transigido como eu. E por isso os vejo, sinto, apalpo, a todos, mais ou menos desprezíveis. E por isso sou antipathico a elles todos. E por isso sou desmedidamente orgulhoso em comparação com elles todos.

Tem razão. O seu garoto tem razão. sr. Jayme de Magalhães Lima. Tem razão quando cita o meu orgullo. E tem razão quando fala nas poucas sympathias que eu tenho em Aveiro; terra que sempre servi com o maior desinteresse e abnegação. Tem razão. Se alguém disser que as tenho, eu protesto, e protesto com

indignação. Não tenho. Não devo ter, não posso ter, não quero ter.

Aveiro não reconhece, nem recompensa serviços desinteressados. Aveiro não respeita homens altivos, pundonorosos, homens de bem. Como todas as terras do paiz.

Não tenho sympathias em Aveiro. E' certissimo. Nem em Aveiro, nem em parte nenhuma. N'um paiz onde todo o mundo se vende, com poucas excepções, eu nunca me vendi. N'um paiz onde ninguem perde na politica, incluindo os republicanos, eu fui dos pouquissimos que perderam. N'um paiz onde todos, todos, transigem com a especulação e com a infamia, basta só que a especulação ou a infamia pertença ao partido a que elles pertencem, eu nunca transigi. Eu nunca pedi um favor que importasse uma conesia, ou coisa parecida, para mim. Eu nunca pedi uma illegalidade. Eu nunca pedi senão justiça, embora reconheça que a justiça, em Portugal, também se administra por favor. Eu nunca commetti uma fraqueza indecorosa em liberdade ou na prisão, em horas de ventura ou em horas de amargura. Por isso não tenho sympathias, não as posso ter, não as devo ter, não as admitto, não as aceito, não as quero. Por isso contra mim, contra um homem n'estas condições, destacam os *politicos* da minha terra um garoto, um imbecil, um biltresito, um bandallete, para o *apepinar*, injuriar e infamar.

Pois ouçam. Attendam. Silencio. Vamos á infamia, e acabamos.

No artigo ignobil da *Vitudade* vêm estes periodos: «Tambem não iremos fallar de coisas passadas que possam melindrar os seus sentimentos de familia. Pelo menos, é esta a nossa disposição, crendo que não ha necessidade de reconsiderar.»

Pois ha. Depois d'este artigo, ha. Eu não quero ameaças suspensas. Nunca as admitti na minha vida, nem admitto. Repilha-as a pontapé e áquelles que osam ameaçar-me.

Não é a primeira vez que vão remexer nos mortos, ou ausentes, quando se trata das minhas pendencias. Da primeira vez, limitei-me a apontar ao publico a infamia, esperando que toda a gente a castigasse com a sua indignação.

Da segunda vez—trata-se de meu pae, morto quando eu nascia—expliquei os factos, documentei-os, da maneira mais clara, mais categorica e mais honrada. Hoje, que se insiste na infamia por insistir na infamia, já não tenho nada que dizer. Mas tenho que fazer alguma coisa, e farei. Hei de fazê-lo. Assim o juizo deante de todos aquelles que me escutam. E' isto.

Metto um revolver no bolso, vou a Aveiro e faço saltar os miolos do primeiro bandido que tornar a repetir essa infamia.

Escrevo este artigo com uns poucos de dias de meditação. Não digo, pois, o que ali fica, por exaltação ou excitação de momento. Nunca disse solemnemente aquillo que, tarde ou cedo, não cumprisse. Reconheço todo o ridiculo e toda a indignidade de uma promessa de tal ordem que

não viesse a cumprir-se, e eu não commetto indignidades.

Portanto, ficamos n'isto: eu mato como um cão, ou elle se defende, matando-me, o primeiro bandido que tornar a mexer nas cinzas de meu pae para se vingar de suppostos agravos, suppostos ou reaes, que de mim haja recebido.

Dizem-me que o sr. Jayme de Magalhães Lima leu o original do artigo do *Cabecinha*, ou ouviu lê-lo ao proprio *Cabecinha*, antes do artigo ser publicado. Se é assim, o sr. Jayme de Magalhães Lima procedeu como um bandalho, consentindo que soubesse, contra um tratante que fosse quanto mais contra mim, uma insinuação infamante, asquerosa, hedionda.

Perante o sr. Jayme de Magalhães Lima o digo, e perante elle, ou qualquer nas mesmas condições, responderei pelo que digo.

Quanto ao sujo garoto de Verdemilho, intimo-o a que não faça reservas e a que diga tudo.

Fez a insinuação, ha de explicá-la. Ameaçou-me, ha de trocar a ameaça por miudos. Ou é o ultimo dos covardes, porque não vem a calar-se, se vier, por reconsiderações de pudor ou por um assomo repentino de vergonha, mas simplesmente por medo de eu lhe descarregar um revolver na cabeça, de se encontrar frente a frente commigo, disposto eu a esmigalar-lhe o craneo.

E tranquillamente espero a resposta.

F. M. HOMEM CRISTO.

Concursos

Diz-se que brevemente será aberto concurso para preencher diversas vagas que existem nos lycens do reino.

Será bom que nas provas a que os candidatos têm de se sujeitar não se repita o facto illegal que nos ultimos concursos se deu com os concorrentes ás vagas do primeiro grupo, aos quaes não foram fornecidos livros de texto para a versão escripta do latin para portuguez, substituindo-se esta prescripção regulamentar pela leitura do ponto que teve de ser escripto por todos ao passo que um dos examinadores o ia dictando, o que, como é facil ver, pôs os candidatos na impossibilidade de interpretarem o sentido historico do trecho pela leitura das passagens antecedentes mais proximas.

Bom será, pois, que o facto se não repita.

microbio da morte

Um professor de Chicago, Jacques Leoh, publicou recentemente uma memoria em que pretende ter descoberto o *microbio da morte*, acrescentando que a vida ethnica não é impossivel ao homem.

Apezar da origem suspeita que tem esta noticia, é em verdade para interessar toda a humanidade a descoberta do tal *microbio da morte*.

Occidente

Com o n.º 828 completou o *Occidente* o 24.º volume e anno de publicação, sendo a revista illustrada mais antiga e a que mais annos de vida tem contado em Portugal. Isto basta para o seu elogio, porque prova quanto tem agradado ao publico e quanto a empresa que a publica tem sabido corresponder a esse agrado.

O governo civil

Já fizemos ver, em artigo aqui publicado, que a razão adduzida para justificar a fallada mudança do governo civil de modo algum podia ser aceite. O lyceu não tem necessidade impreterivel das salas onde estão installadas as diversas repartições do governo civil, como demonstrámos. As salas de que dispõe, chegam perfeitamente para as necessidades do ensino n'um lyceu nacional como o nosso, e mesmo na vigencia d'um regimen de instrução como o actual. A affirmação do contrario só poderá, mais uma vez o repetimos, encontrar êcho na boa fé de quem não conhece o assumpto.

Bem sabemos que o lyceu não se construiu para alojamento de repartições publicas; mas desde que não se prevaleceram d'este facto para impedir que n'elle se installassem taes repartições; desde que o lyceu tem funcionado, sem prejuizo da instrução, com cursos como nunca os terá com a actual reforma, e sem precisão das salas occupadas pela fazenda districtal e pelo governo civil, mal se comprehende que agora, sob o pretexto d'uma supposta necessidade, se queira obrigar uma repartição d'esta ordem a andar com os *tarêcos* do sol para a sombra.

E que *tarêcos!* Ora não seria melhor, sob todos os pontos de vista, que se conseguisse do ministerio das obras publicas a dotação necessaria para concluir o edificio do Terreiro?

Julgámos que sobre este ponto não haveria duas opiniões, e a consecução de tal beneficio seria um modo excellento de mostrar patriotismo.

Depois, o governo civil e as demais repartições a que se destina o edificio do Terreiro, ficariam em sua casa, dirigindo... o seu *ménage* como melhor quizessem; e o lyceu, esse então ficaria á larga, bem á larga, com salas até... para dar bailes.

N'estas circumstancias ninguem repararia se o edificio do lyceu era demais para as necessidades do ensino. Mas agora para-se, vê-se e prova-se que dispõe de casa sufficiente, e que, por conseguinte, a aventada mudança do governo civil é injustificavel e simplesmente caprichosa.

Note-se que nós não encramos a questão sob o ponto de vista economico. Não queremos saber dos réles centos de mil réis que o governo iria dispendir com o arrendamento de casa para o governo civil. Mais trezentos menos trezentos mil réis, isso, para a fazenda publica, vale tanto como uma gotta d'agua para o oceano. Mas, se puzéssemos a questão n'esse ponto, veriamos que nunca tal despesa seria motivo que levasse o governo a acabar o edificio do Terreiro; só para ficar com a consciencia tranquillada de ter realizado uma economia de pataco. Antes pelo contrario: se o governo civil saísse do edificio do lyceu, nós, que até aqui temos visto caminhar as obras do Terreiro a passo de carnielo, nem a passo de boi velho d'ahi por diante as veriamos andar.

O que urge, o que convém aos interesses geraes da cidade, é promover o acabamento do edificio do Terreiro, que desde o principioahi tem estado sempre á mercê da caridade governamental. Depois então mude-se definitivamente o governo civil; mas até lá o lyceu que tenha paciencia. Tem-se arranjado até aqui, que se aguenta por mais algum tempo, que um dia virá em que ha de ficar á vontade.

O governo civil tambem não gosa de todas as commodidades de que precisa; mas, á falta de melhor, vai estando e não se queixa, porque a verdade é esta: não ha ali casa que lhe coubeha;

nem mesmo a da Caixa Económica agora vaga pela fusão do Gremio com o Gymnasio, e na qual, segundo ouvimos, alguém pensou. Nem mesmo esta, porque, além de não estar dividida por forma tal que possa ser occupada pelas repartições do governo civil, é, sobre tudo, pequena.

Certamente pensam que o archivo do governo civil se arruina ali em qualquer canto e com a mesma facilidade e despreocupação com que se arrumam os livros d'um estudante de instrução primaria. Pessoa competente affirmou-nos que, se o governo civil fosse para o Gremio, não teriam sequer onde collocar as estantes. E note-se que ainda ficava funcionando no lyceu a repartição de fazenda districtal.

Dixem, pois, estar as coisas como estão, e vejam mas é se os governos se resolvem a dar a dotação necessaria para concluir o edificio do Terreiro. Os que tal conseguirem prestarão á cidade uma grande beneficio e affirmarão por uma forma brilhante o seu amor por este canto do torrão patrio, que a natureza com mão pródigo accumulou de bellezas infinitas.

Consultorio dentario

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que o sr. Theophilo Reis, conceituado cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra, publica na secção d'este periodico, com o titulo que nos serve de epigrapho.

PORCO-PHENÓMENO

No vizinho logar da Oliveirinha existe actualmente, em casa d'um lavrador muito nosso conhecido, um curioso espécimen da raça suina. Tem o animalojo duas cabeças bem distinctas, com as respectivas orelhas, olhos e façoilas, e serve-se alternadamente das duas boccas com que a natureza o dotou. Quando dorme, só fecha os olhos d'uma das cabeças. Todas as pessoas que tem visto o phenomenal bicho, ficam admiradas.

Este extraordinario exemplar da raça suina não será vendido, porque, segundo se diz, o seu dono, ha pouco restabelecido de uma perigosa doença, prometterá dá-lo á Senhora das Dóres de Verdemilho.

S. GONÇALO

Com o costumado enthusiasmo celebrou-se hontem no bairro piscatorio a festa da vespera em honra do santo casamenteiro das velhas.

As fogueiras arderam a valer, com grande contentamento dos friorentos que á roda d'ellas se fôram aquecendo á custa dos festeiros, enquanto no côreto ia tocando a musica e no ar estalejavam os foguetes.

Hoje de tarde ha arraial e a tradicional pandega das cavacas.

Da Europa á Africa

Um telegramma de Montréal (Canadá) informa que Marconi sahio de Otawa com destino ao Cabo Breton, onde vai estabelecer uma estação de telegrapho sem fios.

Devem estar concluidos os seus trabalhos antes d'um mez, segundo declarou o celebre inventor d'essa grande descoberta, que é uma das mais notaveis do novo século.

Dentro d'esse prazo ficará pois definitivamente estabelecida a base commercial para expedir telegrammas da Europa á America com a mesma precisão com que até hoje se realisavam as communicações por meio dos cabos submarinos—e sem os inconvenientes que este ultimo meio offerecia frequentemente.

O partido republicano tambem agora tem cofre.

De maneira que o partido, depois do congresso em Coimbra, ficou sendo qualquer coisa como uma *associação*, um *gremio*, uma *sociedade* composta de individuos que, para fruirem as honras de cidadãos republicanos, tem de contribuir para o cofre do partido com a quota de 50 réis mensaes.

Quem não pagar, não é socio, e como todos os socios devem ser cidadãos republicanos e todo o cidadão republicano tem, entre outras obrigações, a de dar, pelo menos, meio-tostãozinho, clara é que quem não fôr socio tambem não pôde ser republicano.

Isto é ratão, mas ratão a valer.

D'aqui por diante quem quizer apresentar-se como republicano, ha de apresentar em acto continuo o recibo do meio-tostão, para provar a sua identidade politica. De outro modo não pôde gosar o titulo.

Titulares a meio-tostão por mez, não são caros.

Mas já que a coisa vae de sociedade, é justo que lá de quando em quando a direcção dê aos associados um bailarico, uma chavena de chá com torradas, qualquer coisa que se coma, se beba, ou se dance, e sirva de passatempo ás familias.

Que grandes ratões!

Aqui não é Pinhel!

Os srs. do 24 acham que as janellas do quartel são boas para coradouro de roupa e por isso não fazem cerimonia alguma em dependurar nellas as calças e o mais que lhe apraz, tudo a escorrer agua pelas paredes abaixo, que é, mesmo uma regaleza.

Será bom que o digno commandante do regimento ponha cõbro a semelhante abuso, e faça ver aos briosos infantes que Aveiro não é Pinhel nem coisa que o valha.

A limpeza do quartel tem até hoje merecido especial cuidado a todos os commandantes que para Aveiro tem vindo; e nós já aqui dissémos que se o commandante

do 24 não tiver cautella, os soldadosinhos, seus subordinados, com os habitos de porcaria que naturalmente trariam de Pinhel, põem-lhe o quartel n'uma lástima. Pelo que se vê, pois, cá de fóra, os nossos receios vão-se realisando. Será bom que o sr. commandante ponha termo ao abuso, o que, aliás, lhe é facil conseguir.

Por causa d'uma questiuncla banal, bateram-se em duello, na Allemanha, um estudante e um official de infantaria, ficando morto o primeiro e ligeiramente ferido o segundo.

**CONSULTORIO
DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS**

Cirurgião-dentista
pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca
dentes e encarrega-se
do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º
Aveiro

O FIM DO MUNDO

Um telegramma de S. Francisco da California annuncia que os astrónomos do observatorio de Lick fizeram uma descoberta terrivel.

Um sol, que apparece agora como uma estrella de sexta grandeza, avança para a Terra com a velocidade de 240 kilometros por segundo, ou sejam uns 90.000 kilometros por hora.

Quatro photographias successivas foram tiradas ao astro que se precipita sobre nós; mas o telegramma não diz a que distancia se encontra esse inimigo, afim de podermos calcular quando chegará a encontrar-nos.

Porque é preciso notar-se que, ainda que a velocidade com que o mesmo astro se aproxima seja enorme, as distancias interestellares são enormissimas, e por consequencia necessita elle de muito tempo para as transpôr.

A luz que sae da estrella mais proxima da Terra (estrella a que os astrónomos chamam Alpha, do Centauro), leva tres annos e meio a chegar ao nosso globo, ainda que caminhe á razão de uns cento e cincoenta mil kilometros por segundo.

D'aqui se deduz, que se o sol que para nós se dirige, se encontra a uma distancia approximada á que nos achamos da estrella mais proxima, o dito sol, caminhando com a velocidade de 240 kilometros por segundo,—no dizer dos astrónomos da California—não chocará com este pobre planeta senão d'aqui a 3:500 annos.

Mas se o astro se encontra á mes-

ma distancia que o nosso proprio sol, então não nos restam de vida mais que umas 1:700 horas, ou sejam uns 71 dias, no caso em que se verifique o choque.

Seja como fôr, d'aqui até 12 de março ha tempo para muitas coisas, entre ellas para que os astrónomos do observatorio de Lick fixem a distancia do intruso, dado necessario para determinar a sua visita e a nossa destruição...

Santos Dumont encontra-se actualmente em Monaco, onde vae tentar a travessia até á Corsega, no seu novo balão dirigivel.

Uma religião não é mais que uma hypothese cosmogonica, sempre infantil, e cheia, geralmente, das superstições mais baixas e mais ridiculas.

Ora o estado não pôde ter por missão favorecer essa ou outra hypothese, subvencionando-a, concedendo-lhe o prestigio que devem ter as coisas officiaes.

A propria ideia de Deus é contraria á razão e á sciencia, e não deve por isso o Estado propagal-a.

Ainda que houvesse só um livre pensader em França, seria bastante para justificar a separação da Igreja e do Estado, porque este não tem o direito de exigir que um individuo subvencione doutrinas que reprova e ás quaes quer ser estranho.

Emfim, não é admissivel que uma Republica assalariasse padres que, estando submettidos ao papa e sendo inimigos da sciencia, são necessariamente inimigos da Republica e de progresso.

M. Maurice Allard.

Ama de leite

OFFERECE-SE uma. Trata-se com Domingos Francisco Coelho, com loja de barbeiro, á Praça do Commercio.

ALMANAK DO REGISTO CIVIL

(ILLUSTRADO)

Guia do Registo Civil

publicado pela benemerita Associação de Beneficencia propagadora da lei do Registo Civil.

Preço 60 réis

VENDEM-SE

Uns ricos paramentos de missa, e outros mais ordinarios, mas em perfeito estado de conservação. Tambem se vende um missal e um calix, combinando.

A quem precisar dão-se esclarecimentos na redacção d'este jornal.

deante do commendado de Templestowe.

Este estabelecimento dos templarios era situado no meio de bellas campinas e pastagens, que o precedente commendador havia doado á sua ordem. Era sólido e bem fortificado, condição que aquelles cavalleiros nunca desprezavam e que o estado turbulento d'Inglaterra tornava particularmente necessaria. Dois allabardeiros, vestidos de preto, guardavam a ponte levadiça, e outros, no mesmo traje escuro, deslisavam sobre as muralhas com passo cadenceado, mais parecendo espectros do que soldados. Assim se vestiam os officiaes inferiores da ordem desde que os seus trajes brancos, semelhantes aos dos cavalleiros e escudeiros, haviam sido adoptados nas monta-

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gamello

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs.

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

ANNUNCIOS

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de côrte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

BREAK

VENDE-SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

nhas da Pelestina por uns falsos irmãos, que, intitulado-se templarios, tiham lançado sobre a ordem uma grande deshonra. D'ora em quando via-se atravessar o patêo um cavalleiro com o seu comprido manto branco, de cabeça inclinada sobre o peito e de braços cruzados. Se por acaso encontrava outro, saudava-o silenciosamente, com um gesto vagaroso e solemne; porque tal era a regra da sua ordem, baseada nos trechos sagrados: «Não é por muito fallares que evitas o peccador, e a vida e a morte estão em poder da lingua.» Em summa, o severo rigor ascetico da disciplina dos templarios, que de ha muito tempo fôro substituido pelo relaxamento e pela licença, parecia haver renascido de repen-

(Continua.)

(119) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXXV

Até diz impiedades e falsidades das virtudes dos nossos medicamentos, como se fosse invenções de Satanaz!—O Senhor o castigou!

—Apezar de tudo, disse Isaac, não posso deixar de ir a Templestowe, ainda que o rosto se lhe ponha em brasa como uma fornalha aquecida satá vezes.

Explicou então a Nathan a causa da urgencia da sua jornada. O

rabbi ouviu com interesse e manifestou a sua sympathia, á maneira da sua nação rasgando as suas vestes, e exclamando:—Ai, pobre menina! Infeliz menina! O que será da belleza de Sião! Quando acabará o captivo de Israel!

—Já vês, disse Isaac, que não posso ficar aqui, que não posso demorar-me. Talvez que a presença d'esse Lucas Beaumanoir, chefe de todos elles, faça desviar Brian de Bois-Guilbert do attentado que medita, e entregar-me Rebecca, a minha querida filha!

—Parte pois, disse Nathan, Ben Israel; e sê prudente, pois foi a prudencia que valeu a Daniel na caverna dos leões e que foi arremessado; e oxalá sejas tão feliz como desejas. No entanto, se pude- res, evita a presença do grão-mes-

tre, porque o seu gesto é mostrar desde pela manhã até á noite o desprezo que tem pelo nosso povo. Se pudesses fallar particularmente com Bois-Guilberte, melhor conseguirias d'elle o que desejas; porque, segundo dizem, os malditos nazarenos d'esse commendado não vivem em boa intelligencia.—Deus confunda os seus conselhos e os cubra de vergonha! Mas não deixes de voltar por aqui, irmão, como se esta casa fosse a de teus paes, para me dizeres o que houver acontecido; e espero que tragas a tua Rebecca, a discipula da sábia Miriam, cujas curas os gentios caluniarão como se fossem obra de micromancia.

Isaac disse adeus ao seu amigo e cerca de uma hora depois estava

PUBLICAÇÕES

BIBLIOTECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade...

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLINDIDAS CAPAS A CORES Cada vol. 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

NOVIDADE LITTERARIA

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, autor do QUO VADIS...

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições...

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Souz. — 1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel. — 1 vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, autor do QUO VADIS?

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARÁ E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes...

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regulas e abateimentos concedidos pelas companhias...

ABEL PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

por

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETE. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, autor do QUO VADIS?

dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

por F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gaineiro.

Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma...

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida...

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ARMAZENS DA BEIRA-MAR DE MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5 AVEIRO

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão...

MAIS UM TRIUMPHO! As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

MAIS UM TRIUMPHO! As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix. E mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

NOVA ALQUILARIA DE MANUEL PICADO & PEREIRA (Antiga casa de Fernando Christo) Nesta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

HORARIO DOS COMBOIOS De Aveiro para o Norte De manhã ás De tarde ás

Vinho puro de Bucellas Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

ROLÃO PALMA ESTA farinha muito mais barata e superior do que qual quer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc.

TYPOGRAPHIA POVO DE AVEIRO Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo.

BAGAÇOS ALIMENTARES VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.